

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E AS CONTRIBUIÇÕES DE MONTEIRO LOBATO

CÔRTEZ, Angélica Azevedo Santos.angelicacortes2004@hotmail.com

ROCHA, Márcia Batista.marciabatistarocha@hotmail.com

SANTOS, Valnice Brito.ninha@hotmail.com

SANTOS, Aldo Messias (Orientador)

Graduado em Letras Português /Inglês

Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa, Profº do Curso de Letras- Português da Universidade Tiradentes- UNIT

aldomessias@hotmail.com

RESUMO

Este artigo científico tem como tema “A importância da Literatura Infantil e as contribuições de Monteiro Lobato”. Buscando sistematizar nosso trabalho, organizamos uma proposta que contemplasse as conquistas anteriores, avançando nas relações entre as diferentes áreas de conhecimento, usando a literatura infantil como elo para o incentivo à leitura que deve ser iniciada desde a infância. Já que ela apresenta possibilidade de investimento na fantasia, no faz - de - conta, que faz parte, do processo de desenvolvimento da criança, aproximando no entendimento de suas vivências cotidianas. Sendo assim, foi dado destaque a Monteiro Lobato que iniciou a literatura infantil brasileira com personagens que falavam com as crianças e discutiam temas da realidade do Brasil. A escolha deste tema justifica - se em função das dificuldades encontradas em trabalhar com a literatura infantil. Uma vez que verificamos através dela que adquirimos novos conhecimentos. Na realização deste trabalho utilizamos como recursos metodológicos à pesquisa biográfica e bibliográfica, feita em livros, revistas e artigos científicos que nos ajudou a fundamentar melhor o nosso estudo. Em que foi possível detectar que a literatura infantil hoje é de grande importância para iniciar o gosto pela leitura nas crianças desde as séries iniciais. Como sabemos o mundo passa por grandes transformações com as novas tecnologias e o educador deve se preocupar com estas transformações. Pois, o mundo que se apresenta aos nossos olhos não deixa de ser um grande desafio. E sendo assim é necessário que a literatura infantil seja implantada na sala de aula como incentivo à leitura, pois esta mexe com a fantasia da criança. Assim, com este artigo pretendemos propiciar aos estudantes e professores, informações sobre a importância da literatura infantil como pratica de uma leitura prazerosa e de relevância no processo de ensino aprendizagem.

Palavras - chaves : Literatura Infantil, Leitura, Aprendizagem

INTRODUÇÃO

O nascimento da literatura infantil se deu na Europa no século XVIII, durante a Revolução Industrial em que houve um grande crescimento da população urbana. É nesse contexto que os países europeus iniciaram um esforço de alfabetização em massa da população para garantir o crescimento econômico. Sendo publicados os primeiros livros infantis, os contos de fadas do francês Charles Perrault (1717) e os romances de aventuras adaptados (Robson Crusóé, de Daniel Defoe, e As Viagens de Gulliver de Jonathan Swift), o que mostra a importância que a criança passa a ter como leitor.

A Literatura Infantil, tem um papel fundamental no resgate da família, do lúdico à medida que traz para o espaço pedagógico os elementos necessários para que as crianças possam vivenciar, as suas relações cotidianas através de personagens míticos, fantásticos, construindo, assim, novos processos de relações sociais, nos diferentes tempos e espaços.

De início, a literatura foi essencialmente fantástica. Nessa época o pensamento mágico, baseava-se nos mitos que dominava o lugar da lógica que conhecemos. A essa fase mágica e já revelando preocupação crítica às relações humanas correspondem às fábulas. Por isso, entende-se que essa literatura arcaica tenha se transformado em literatura infantil.

A literatura infantil brasileira iniciou-se com Monteiro Lobato. Foi a primeira produção com características brasileiras, com personagens que falavam com as crianças

e discutiam temas da realidade do Brasil. Foi Lobato quem trouxe o folclore, com as figuras do Saci, da Cuca e do imaginário rural para dentro da literatura infantil.

Este trabalho tem a finalidade de mostrar “A Importância da Literatura Infantil” e as contribuições literárias de Monteiro Lobato na vida da criança. Com este estudo, pretendemos fazer conhecida a literatura infantil para que fiquem claros os vínculos instrutivos e moralizantes que motivaram o seu surgimento. Pois a literatura tem a possibilidade de confirmar no homem a sua condição de humano e existirá enquanto existirem leitores que a vejam e a decifrem, aceitem e a transformem.

No que diz respeito à literatura infantil e ao ato da leitura nesse contexto, o livro só se torna legítimo quando é possível com ele interagir, recriando-o, suplementando-o como leitor, com a sua própria visão de mundo. Do contrário, é texto sem leitor, página em branco.

E é dessa forma que as obras de Lobato, que contêm reflexões sobre a realidade, mas que conservam vários elementos dos contos de fadas, possibilitam uma identificação com o leitor.

A idéia de escrevermos sobre este tema surgiu por percebermos: as dificuldades de trabalhar em sala de aula com as literaturas infantis e a importância de despertar na criança o gosto pela leitura. Portanto, buscamos verificar o quanto Monteiro Lobato contribuiu com suas obras, pois deu vida aos personagens, principalmente quando se refere a uma de suas principais obras “O Sítio do Pica-pau Amarelo”.

Percebemos que é necessário que a criança seja incentivada para a leitura, pois

estamos vivendo cada vez mais distante dela, porque com as novas tecnologias as mesmas não se interessam mais em ler, dão preferência aos desenhos animados na televisão ou aos jogos no computador.

No entanto, sabemos que a leitura é essencial na nossa vida, pois, é através dela que adquirimos novos conhecimentos. Assim, é preciso que a criança seja despertada logo cedo, para que adquira o hábito da leitura usando a literatura infantil como um incentivo.

A problematização dos dados resultou na organização dos três capítulos. O primeiro trata do histórico e da situação atual da literatura infantil. O segundo capítulo foi abordado o histórico de Monteiro Lobato, em que foi organizado o estudo cronológico para conhecer a vida do escritor, suas obras e contribuições na literatura. No terceiro capítulo foi focado a importância literária na escola.

A literatura ao avançar pelo espaço do imaginário, do lúdico, do prazer, da beleza, como um provedor de boas energias tem a possibilidade de penetrar nos vãos mais restritos e escuros das salas de aula iluminando seus contos e encantos.

Este estudo é de caráter biográfico e bibliográfico, em que foi necessário fazer pesquisas a partir de materiais já elaborados, observando as idéias e conceitos dos seguintes autores:

CUNHA- Maria Antoniera Antunes, no livro *Literatura Infantil Teoria e Prática* (1999), Ela aborda as idéias que nos orienta o estudo do assunto desde seu surgimento na Europa até chegar ao Brasil com Monteiro Lobato. Procurando discutir os pontos

mais importantes do assunto na atualidade, aqueles que possibilitem a reflexão, a discussão a tomada de posições por parte dos educadores.

ABRAMOVICH- Fanny, no livro *Literatura Infantil Gostosuras e Bobices* (2001), relata que a maneira mais eficaz de trabalhar a leitura na escola desde séries iniciais é mostrar que ler não é apenas uma atividade escolar mecânica e descontextualizada, mas sim uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação.

ZILBERMAN- Regina, no livro *A Literatura Infantil na Escola* (1985), a obra expõe um diálogo entre a escola, a criança e a Literatura, tendo a pragmática como fim e a possível dimensão artística como uma problemática de superação dos fatores históricos que intervieram nas gerações.

PALO & OLIVEIRA- José Maria & Maria Rosa D. no livro de *Literatura Infantil: Voz de Criança*, “ o tema literatura infantil leva-nos de imediato à reflexão acerca do que seja esse mundo infantil como qualitativo especificador de determinada espécie dentro de uma categoria mais ampla e geral do fenômeno literário”(2001).

LAJOLO- Marisa, em seu artigo. *A eterna genialidade de Monteiro Lobato*, “o narrador lobatiano mistura doses fartas de imaginação, de ironia e de onisciência, o que talvez explique seu sucesso. Criativo e irreverente, ao longo das muitas histórias que se passam no Sítio do Pica Pau amarelo estabeleceu fortes laços de solidariedade com seus leitores, quer quando lhes proporcionava viagens de sonho ao mundo dos piratas e das fadas, quer quando lhes ensinava que o petróleo é nosso ou que gramática e tabuada são mesmo porre...”(2002).

As idéias desses autores contribuíram de forma relevante para fundamentarmos melhor o nosso trabalho. E neste contexto pretendemos contribuir através deste estudo para despertar entre professores e alunos, o interesse pela literatura infantil.

1. LITERATURA INFANTIL: HISTÓRICO E SITUAÇÃO ATUAL

1.1-Aspectos teóricos e as fontes iniciais da literatura infantil

A criança até o final do século XVII acompanhava a vida social do adulto, participando também de sua literatura. Sendo que se fazia distinção de classes sociais dentro dessa literatura, pois as crianças da nobreza eram orientadas pelos grandes clássicos, enquanto as das classes menos favorecidas liam ou ouviam as histórias de cavalaria de aventuras.

No início do século XVIII começa e se delinear a história. As crianças passam a ter necessidades e características próprias. Assim, era fundamental uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

No final do século XIX, as primeiras publicações para a infância no Brasil, limitavam-se apenas as edições portuguesas. Nessa época o Brasil passa por transformações significativas: com a abolição da escravatura(1888) e o relativo sucesso econômico proveniente da cultura do café, o país inscreve-se na corrida para a modernização. A sociedade brasileira, caracteristicamente rural, passa a condição de sociedade urbana. Com isso a escola se fortalece enquanto instituição um elemento eficiente no processo de consolidação da classe burguesa e conseqüentemente dos seus ideais. Por isso, os primeiros livros infantis que caracterizam a produção literária infantil do final do século XIX são marcados pelo tom didático moralizante e, com a circulação destes livros através da escola, busca-se cumprir as experiências da sociedade em relação à formação de suas crianças.

Sobre o surgimento da literatura infantil, com ascensão da burguesia, comenta Regina Zilberman:

Antes da constituição deste modelo burguês inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mais igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (CUNHA, apud. ZILBERMAN, 1999, p.23)

A partir de então se evidencia a estreita ligação da literatura infantil com a pedagogia, quando vemos a importância que assumem os educadores na criação de uma literatura para crianças e jovens.

A preocupação com a nacionalização da literatura infantil surgiu logo que se iniciam as primeiras publicações para a infância era preciso ampliar o material existente a fim de que fossem somados a ele outros textos mais brasileiros.

A literatura infantil brasileira iniciou-se com Monteiro Lobato. Primeira produção com características brasileiras, com personagens que falavam com as crianças e discutiam temas da realidade do Brasil.

No caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observam-se duas tendências próximas daquelas que já informavam a leitura dos pequenos: a dos clássicos e a do folclore.

No Brasil, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas. Essa fase embrionária é representada por Carlos Jansen, Robson Crusóé, Figueredo Pimentel, Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade. Porém é com Monteiro

Lobato que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio de Pica-pau Amarelo vivem D. benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que "orientam" crianças (Pedrinho e Narizinho), "outras criaturas" (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó.

Ao lado obras marcantes didáticas, escreve Lobato, outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem reaproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional. Em suas obras se observam tendências claras, a do realismo e a da fantasia como caminho para o questionamento de problemas sociais: a do reaproveitamento do folclore; a da exploração de fatos históricos. Apesar desses avanços não se pode negar que grande parte da produção literária para a infância no Brasil ainda se ressentem da excessiva preocupação pedagógica.

Essa discussão em torno do caráter artístico e/ ou pedagógico da literatura infantil não acontece somente no Brasil. Em outros países também foi marcante a discussão, tornando às vezes a literatura infantil subsidiária da instituição escolar como meio de divulgação e crescimento.

1.2- Literatura e educação

O profissional educador tem discutido muito sobre a formação ético-moral da criança. Especialmente no que diz respeito aos acontecimentos do ambiente escolar. A literatura infantil tem ocupado um lugar político e pedagógico de grande importância na formação moral e de hábitos e atitudes, tanto junto à família quanto dentro da escola. É interessante verificar como as famílias onde os adultos pouco têm contato com livro e com a literatura, consideram fundamental fazer com que as crianças exercitem a leitura.

No momento atual, é importante que a escola possa pensar literatura como uma produção que não está mais necessariamente restrita ao objeto livre e, mais importante ainda, que ela pense a literatura como possibilitadora do prazer do texto. A leitura possibilita um processo duplo de envolvimento que é propriamente construção de uma nova realidade. A literatura deve ser suprida

pelo aluno, o mesmo deve conhecer a história, seus personagens, tempo, para que assim possa saber o que é relevante na história.

De modo geral, a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. A literatura é o lugar privilegiado em que a experiência "vívida" e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a "verdade" e sim a "validade" de uma interpretação profunda da realidade tomada em experiência.

1.3- Características da obra literária infantil

Se certas obras feitas ou não para crianças, conseguem agradar-lhes, devem apresentar determinadas características importantes para o espírito infantil.

Segundo CUNHA "a obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto. Difere desta apenas na complexidade de concepção: a obra para crianças será mais simples em seus recursos, mas não menos valiosa" (1999, p.70).

Existem obras literárias para adultos que são simples e mesmo assim são consideradas obras-primas.

Recorramos ainda ao mestre de nossa literatura infantil, Monteiro Lobato. Ele escreve a Godofredo Rangel:

Não imaginais a minha luta para extirpar a "literatura" dos meus livros infantis. A cada revisão para novas edições, mato como quem mata pulgas, todas as "literaturas" que ainda as estragam. O último submetido a tratamento foram as fábulas. Com o auge pedante e requintado! Dele raspei um quilo de literatura, mas ainda ficaram algumas. (CUNHA, apud. Lobato, 1999, p.71)

A obra simples pode enganar o leitor menos avisado: confunde ele o simples com fácil. Frequentemente essa confusão gera a futilidade na obra para crianças.

A língua que usamos para nos comunicar, as construções e as palavras, que empregamos, constituem o domínio ativo da língua. As construções e expressões que compreendemos, mas não usamos, formam o domínio passivo desta mesma língua. É claro que o conhecimento passivo é mais amplo que o ativo. Na criança, à distância entre um e outro é não só maior como mais clara. O autor que usa a ingenuidade, pensando só assim ser entendido pela infância, esquece-se de que ela pode não usar determinadas construções, mas é perfeitamente capaz de compreendê-las.

Além disso, a criança precisa de dois tipos de livros: os que estão exatamente de acordo com o seu adiantamento e outros um pouco mais avançados. Ela cresce exatamente na medida em que vence novos obstáculos. O livro verdadeira literatura infantil, se ilustrado, oferecerá a criança uma dupla fruição da arte. Para as crianças pequenas o desenho das palavras é um sinal incompreensível. Porém, a imagem é um sinal que elas traduzem facilmente.

Para essas crianças pequenas, em que queremos desenvolver o interesse pelas histórias, é importante a gravura. O texto deve ser pequeno para conduzir quase à observação das figuras, deve apresentar-se em letras grandes e redondas. Os livros costumam ser maiores que o normal, e muitos ganham o formato do personagem principal: um animalzinho ou uma criança, recortados.

À medida que a criança evolui na leitura, vão-se reduzindo as ilustrações em favor do texto, cujas letras também diminuem até o formato e o tamanho normais, o mesmo acontecendo com o livro.

1.4- A narrativa para crianças

A narrativa para crianças não dispensa o dramatismo, a movimentação. Irrequieta por natureza a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde aparecem fatos novos interessantes, movimentando-se assim o espírito infantil. Diz Sara Bryant: “Não se trata do que

pensaram as pessoas, ou do que sentiram, mas do que fizeram” (CUNHA, apud. BRYANT, 1999, p. 97).

O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrições e digressões longas. Em geral, elas interrompem o caso, e o resultado, não será o desejado pelo autor.

Com relação às falas e aos pensamentos das personagens, a melhor apresentação é o discurso direto o diálogo atualiza a cena, presentifica os fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto, dando um grande realismo a cena. As questões relativas às personagens são importantes: o número, o aparecimento, das oposições entre as personagens, suas características, são pontos relevantes a considerar, dentro do conjunto da obra.

O desenvolvimento de uma história para crianças será forçosamente diferente do de uma narrativa para adultos. Os recursos narrativos mais adequados á criança costumam formar o romance de ação, nos quais predomina a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar umas histórias interessantes, que tenha o desfecho feliz. Para que esta não fique magoada.

Um problema que diz respeito, mais a narrativa do que aos outros gêneros é o relativo à adequação da obra a idade da criança, pois esta passa por uma série de transformações que estabelecem fases de sua evolução. Para a literatura infantil, têm sido consideradas três dessas fases: a do mito (criança de 3/ 4 a 7/ 8 anos), a do conhecimento da realidade (crianças de 7/ 8 a 11/ 13 anos) e a do pensamento racional (crianças de 11/ 12 anos até a adolescência).

Outro ponto a considerar é o de que a conscientização ou discussão da realidade não se faz obrigatoriamente via realismo: a imaginação e a fantasia podem fazer o mesmo, por caminhos subterrâneos da trama e, talvez até por isso mesmo, com mais agudeza e profundidade. O importante mesmo é que crianças ou jovens estejam em contato com todo tipo de obra literária e façam suas opções.

Com os estudos sobre, os meios de comunicação de massa, começaram a surgir muitos trabalhos importantes sobre os quadrinhos. Sociólogos, e não apenas estudiosos de comunicação e artistas, mostram o seu valor artístico e sua validade na vida moderna.

Aparecem, então, posições como a de Moacyr Cirne:

De nossa parte, entre um poema de Drummond e uma estória qualquer do Pererê, optamos pela estória do Pererê, da mesma maneira que entre um poema de João Cabral e um poema concreto qualquer, optamos pelo poema concreto, conscientemente. (CUNHA, apud. CIRNE, 1999, p.102)

1.5- Posições em torno da literatura infantil

Desencontros evidenciam alguns dos problemas que parecem alojar-se no centro das discussões sobre a literatura infantil. Muitos educadores e literatos questionam a existência da literatura infantil. Muitos fizeram pouco ou nenhum uso dela. É comum a idéia de que a literatura infantil é sublitteratura, um gênero menor. Alguns escritores, muitos deles excelentes, dão a impressão de se sentirem menos importantes do que os que fazem literatura para adultos.

Ora, na medida em que tivermos diante de nós uma obra de arte, realizada através de palavras, ela se caracterizará certamente pela abertura, pela possibilidade de vários níveis de leitura, pelo grau de atenção e consciência a que nos obriga, pelo fato de ser única.

Para finalizar convém lembrar que o que ocorreu ao longo da história se repete hoje. Existem obras literárias escritas para adultos que foram adotadas para crianças. Por este motivo, pode-se dizer que a literatura infantil é mais abrangente que a literatura para adultos; pode-se observar que toda obra literária para crianças pode ser lida (e reconhecida como obra de arte) pelo adulto; já a literatura para adultos, só serve a eles.

2- MONTEIRO LOBATO: VIDA E OBRA

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, cidade do interior de São Paulo, em 18 de abril e 1982. Era filho de José Bento Monteiro e de Olímpia Lobato. Era neto do Visconde de Tremembé.

Aos cinco anos imagina a floresta como um fantástico ninho de índios e onça. Ainda nesta idade teve sua primeira caça com seu pai.

Descobre na biblioteca do avô a literatura infantil. Com sua mãe aprende a ler, mas tem ao ingressar na escola, problemas com a língua portuguesa, sendo até reprovado neste disciplina. Por ser obrigado a ler várias obras, foi despertado nele o gosto pela leitura e pela produção literária.

Aos 13 anos, fica órfão de pai e decide estudar Belas Artes. Não sendo aprovado por sua mãe, vai cursar Direito no Largo São Francisco, apenas com o propósito de ter um diploma. Lá, funda com os outros colegas, a Arcádia Acadêmica para sucesso literárias, mas por causa do individualismo e idéia socialista de Monteiro e a falta de comando e espírito associativo os demais componentes, esta Arcádia acaba morrendo. Ainda na faculdade, candidata-se e ganha o primeiro lugar no concurso de contos apresentando seu lado profético manifestando seu estilo de ironia, sarcasmo e humor.

Depois de formado continua a procura de uma filosofia através da leitura de diversas obras e só consegue se identificar com as idéias de Nietzsche.

Casou-se com Maria Pureza, aos 26 anos, e teve com ela 4 filhos. Quando seu avô falece o deixa como herdeiro, porém, ele não sabe lidar com os negócios e vai à falência.

A partir daí, ingressa na carreira política abordando em seus discursos, artigos, jornais, revistas e livros, temas e problemas de ordem política, social e econômica, como caso da existência do petróleo no Brasil, a seca no sertão, os incêndios da mata e reservas, o êxodo rural, má distribuição de renda, a injustiça social, tudo isso baseado no socialismo.

Com todas essas experiências e dificuldades vividas no decorrer de sua vida, Monteiro Lobato se inspira na criação de suas personagens, para o público infantil ou adulto, manifestando neles suas maiores preocupações com o homem e o destino do Brasil, levando o escritor, crítico e pensador Alceu de Amoroso Lima a definir sua personalidade em três faces: o homem de ação, o homem de idéias e o escritor.

2.1 A Importância de Lobato para a Literatura Infantil

A literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, pois com ele surgiu a primeira obra com características peculiares brasileiras. Ele criou personagens que dialogavam com as crianças, estabelecendo um tipo de debate sobre temas da atualidade brasileira. E esse era o propósito das obras de Lobato, conscientizar as pessoas desde muito cedo sobre os problemas da sociedade.

Suas obras era uma forma de expressar a sua indagação diante das realidades que tinha contato. Assim, seus textos produziam um impacto suave sobre as crianças, que desde muito cedo aprendiam com ele o censo de amor e respeito ao país em que vive. Intelectual de talento e dotado de uma consciência nacional profunda, Monteiro Lobato inaugura uma nova fase na literatura infantil no Brasil. Mais que isso, Lobato cria entre nós uma estética da literatura infantil.

Monteiro Lobato tem fundamental importância para a literatura infantil, pois ele não só buscou criar um estilo literário de que as crianças se identificassem, como também proporcionou a oportunidade de levar o livro até elas. Com Lobato tem início a verdadeira literatura infantil brasileira.

Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. No Sítio de Pica-pau Amarelo vivem Dona Benta e Tia Nastácia, as personagens adultas que “orientam” as crianças (Pedrinho e Narizinho), “outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim Rabicó.

Ao lado de obras marcantes didáticas, escreve Lobato, outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem o aproveitamento de elementos personagens da literatura infantil tradicional.

Lobato procurava trabalhar dia e noite, e no ano de 1924 já tomava conta do mercado editando livros de poesia, ensaios, contos, entre outros. Essa contribuição na área infantil foi o que levou a surgir o livro didático e a obra infantil.

A primeira obra que fez sucesso no mundo infantil foi “A Menina do Narizinho Arrebitado”, essa obra realmente mexeu com o mundo imaginário das crianças. Escrita por Lobato e publicada no ano de 1921, tornou-se um dos maiores sucessos do autor, conquistando um grande público. Em seguida Lobato escreveu “O Saci”, “O Marquês de Rabicó”, “Fábulas” e “Jeca-Tatuzinho”.

Um outro fator importante que aproximou mais as crianças de suas obras, foi a ilustração dos livros. Monteiro Lobato buscou modificar, criar algo novo que chamasse a atenção. E assim, surgiu a preocupação com o aspecto visual dos livros. Antes dele, não existia no Brasil a obra ilustrada, e Lobato decide fazê-lo, utilizando artistas como Di Cavalcanti, “em lugar das habituais chapas tipográficas, vistosos desenhos dão colorido e graça às brochuras”.

Em seguida Lobato publica “Geografia da Dona Benta”, “História das Invenções” e “Memórias de Emília”. Em 1946 escreve os “Trabalhos de Hércules”, concluindo assim a saga infantil que o próprio autor iniciou em 1921 com Narizinho. Trata-se de trinta e nove histórias, das quais sete originais e duas adaptações.

Em meados de 1946, em companhia com o seu grande amigo Caio Prado Jr., Monteiro Lobato decide fazer uma visita a Argentina, país onde é recebido como se fosse uma espécie de embaixador das crianças brasileiras, e seu principal representante no que diz respeito à literatura infantil. Lá, acostumado a sempre estar trabalhando, acaba criando uma editora que carregou o nome de Acteon. Mas, como era um homem que não gostava de acomodar-se em alguma coisa, um ano depois acaba retornando a São Paulo.

No ano de 1948, ao conceder uma entrevista radiofônica, Lobato confessa que só teria prazer em retornar ao mundo “se fosse para escrever mais história para as crianças”, pois era um amante das leituras direcionadas ao mundo infantil.

Ao falecer no auge de sua popularidade sendo considerado um mestre da literatura infantil, Lobato torna-se um ícone para as crianças sendo adorado por elas, e suas obras tornaram-se cada vez mais vistas, conhecidas e conclamadas como sendo elas um tipo de referência do espaço imaginário da criança. Até os dias atuais Monteiro Lobato é visto como principal autor que preocupou-se em levar às crianças temas relevantes do “mundo adulto”, procurando conscientizá-las das principais temáticas em pauta na sociedade.

3- A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

3.1- A criança, o livro e a escola.

Escrita é auto-estranhamento. Sua superação, a leitura o texto é, pois, a mais alta tarefa de compreensão.

Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disto, não se escrevia para elas, porque não existiria a “infância”. Hoje a afirmação pode surpreender, todavia a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada, não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua prioridade.

A aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento das relações, de modo a transformá-las eventualmente no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim.

Foram as modificações acontecidas na Idade Média e solidificadas no século XVIII que propiciaram a ascensão de modalidades culturais como a escola com sua organização atual e o gênero literário dirigido ao jovem. Com a decadência do feudalismo, desagregam-se os laços de parentesco que eram um dos respaldos desse sistema, baseado na centralização de um grupo de indivíduos ligados por elos de sangue, favores, dívidas ou compadrio, sob a égide de um senhor de terras de origem aristocrática.

Da dissolução desta hierarquia nasceu e difundiu-se um conceito de estrutura unifamiliar privada, desvinculada de compromissos mais estreitos com o grupo social e dedicada à preservação dos filhos e do afeto interno, bem como de sua intimidade. Estimulada ideologicamente pelo estado absolutista e, depois, pelo liberalismo burguês, que encontraram neste núcleo o suporte necessário para centralizar o poder político e o contrabalançar a rivalidade da nobreza feudal, ela recebeu o aval político para erradicar seus principais valores: a primazia da vida doméstica, fundada no casamento e na educação dos herdeiros; a importância do afeto e da solidariedade de seus membros, a privacidade e o otimismo enquanto condições de uma identidade familiar.

Particulariza-se primeiramente, a criança como um tipo de indivíduo que merece

consideração especial, convertendo-a no eixo a partir do qual se organiza a família. Em segundo lugar, a infância enquanto tal, isto é, uma certa etapa da faixa etária imobilizada num conceito demarcado veio a ser idealizada.

Preserva-se as relações entre literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre do fato de que ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como as instituições de ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se tratem de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o receptor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos.

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar como destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

3.2- A literatura infantil entre o adulto e a criança

Uma reflexão sobre a natureza da literatura infantil não pode vir separada de uma consideração sobre o estatuto de sua teoria. Embora o produtor do livro infantil seja o próprio adulto, o objeto produzido, é visto, analisado e classificado em analogia a seu consumidor, o leitor mirim. A natureza ideológica desta posição evidencia-se imediato, pois privilegia uma modalidade de literatura em detrimento da criança para crianças mimetizando a primazia atribuída à idade adulta em comparação com o período infantil.

O que se constata é que se atribui uma tarefa educativa à literatura infantil, complementar

à atividade pedagógica exercida no lar e/ou na escola, o que garante sua necessidade e importância no seio da vida social. Na acepção da literatura infantil, salienta-se uma contrapartida: apesar de caráter provisório e ser um tipo de produção menor, espelhando a condição de seu leitor e beneficiário, o texto para criança pode atuar sobre ela, refletindo a perspectiva do adulto, mesmo quando este tem em mente o interesse (atual e/ou futuro) do receptor. No sentido, sendo “adultocêntrica”, a teoria da literatura infantil evidencia a contradição que esta situação lhe transmite: visando manter os privilégios do adulto, a produção para crianças tem seu valor diminuído; porém por esta mesma razão tudo o que se espera dela é o que o adulto ali deposita, isto é, seus valores e hábitos sociais.

A produção de uma teoria da literatura infantil deve evitar a circunscrição à ótica adulta, na qual toda a primazia lhe é concedida, já que é o sujeito da produção, do consumo (uma vez que são principalmente os pais que compram os livros, os professores que recomendam as leituras, etc.) e da recepção dos textos. Cabe o exercício de uma reflexão que verifique os efeitos da participação citada e mostre a posição ocupada pela criança dentro desse processo particular de circulação de ideologias.

3.3- O livro para crianças no Brasil

É preciso ensinar aos alunos a beleza da língua a reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado.

Ana Maria Machado

No Brasil, mesmo “respondendo às exigências locais” e apesar de só tardiamente vermos avançar a produção de obras específicas para a infância e a adolescência, o gênero, com “história particular elementos próprios, parece não ter-se desviado do “roteiro geral”. Também

tardamente se iniciou o processo do que vem sendo chamado de modernização da sociedade.

A partir de meados de 1970, a produção infanto - juvenil responde por uma significativa parcela do mercado editorial brasileiro. E a escola, mais do que nunca, representa o local onde se captam as expectativas para criação de uma literatura adequada para crianças e jovens e para onde convergem as atenções dos interessados na divulgação e manutenção dos seus próprios valores, numa espécie de círculo vicioso.

O quadro relativo ao hábito de leitura no Brasil só poderá mudar quando toda a postura do adulto relativa ao livro e a função dele na educação se modificar. No Brasil o investimento das escolas com livros é muito pequeno. Na escola pública, devido às pequenas verbas que lhe são destinadas, as obras não podem ser adquiridas em número suficiente. (E quase sempre o aluno também não pode comprá-las). Nas escolas particulares, mesmo as mais ricas, investe-se menos em livro do que em outros materiais didáticos.

O crescimento da criança se faz por esta imersão no universo da palavra escrita, e seu desenvolvimento intelectual pode ser medido através de sua habilidade de verbalização dos conteúdos assimilados durante sua educação formal. Expressão escrita e domínio de hábitos de leitura distinguem o indivíduo superior, submetendo a estas atividades os outros meios de apropriação da realidade: o auditivo e o visual. Como o livro para crianças é uma modalidade de expressão que conhece limites definidos, torna-se bastante difícil estabelecer suas principais linhas de ação. Ele pode englobar histórias versistas ou fantásticas, miscigenar gente e animais antropomorfismos, simbolizar ou simplificar situações humanas existenciais, misturando até todas estas possibilidades num único texto.

Entra em cena a função pedagógica, que se utiliza a imagem como uma estratégia para materializar, determinar e preencher aquilo que poderia se transformar, pela imaginação do leitor

- criança, num campo vago e impreciso de possíveis construções imagéticas.

Para fazer frente a esse risco, a ilustração surge em momentos decisivos da estória, ou para mostrar como são as personagens centrais - heróis e vilões - em termos de atributos físicos e psicológicos, ou para concretizar certas cenas, pontos de tensão da intriga, que se deseja graves na memória do receptor.

Não resta dúvida de que é uma forma de dar veracidade à narração, conferindo à palavra-geral e simbólica um caráter de índice, de existência real e individualizado. E a conexão, por contigüidade e subordinativa, texto - ilustração que permite maior eficácia do processo comunicativo, garantindo que as informações nucleares, graças ao estímulo da imagem, criem hábitos associativos tais que sejam inscritos diretamente no pensamento da criança com o mínimo de esforço e com o menor dispêndio de energia possível. É esse o caso de uma série de livros infantis, entre tais livros o célebre Emilia, de Monteiro Lobato.

3.4- A literatura infantil na escola

Entende - se que a literatura infantil é a organização verbal significativa da experiência interna e externa, ampliada e enriquecida pela imaginação e por ela manipulada para sugerir a virtualidade. A modalidade específica do discurso literário, emocional, imaginativo e, ambíguo, etc, tende a fazer da obra uma estrutura de significados autônoma que diverge do discurso científico, referencial, racional e outros. É importante que a literatura trabalhe a comunicação intensa, vivida a partir da experiência.

É no encontro com qualquer forma da literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a literatura

apresenta - se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias.

A literatura infantil, por iniciar o homem no universo literário, deve ser utilizada como instrumento para sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo.

Sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade. Até pouco tempo, em nosso século a literatura infantil era considerada como um gênero secundário e vista pelo adulto como algo pueril (nivelado ao brinquedo) ou útil pela forma de entendimento literário.

A valorização da literatura infantil, como formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, é bem recente. Para investir na relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões de nosso tempo e problemas universais, inerentes ao ser humano. É à busca do pensamento convergente. A literatura é a mais rica das experiências engendradas pelo espírito humano. A descoberta de seu valor é pessoal e intransferível. A fantasia, o mundo colorido, as aventuras, os sonhos e as realidades são as histórias de todas as gentes, dos nossos tempos, e da aventura mágica de viver. Oportuniza a criança desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociedade, o senso crítico e a imaginação criadora.

O conhecimento da riqueza que é a literatura infantil chega às crianças pelo meio social em que estão inseridas: a família e a escola. O maior ou menor significado que os pequenos darão a essa arte, depende diretamente dos adultos que os rodeiam. Não será possível termos uma boa "colheita" de leitores se não iniciarmos desde cedo esse "plantio".

A escola infantil (creche e pré - escola) ocupa lugar de destaque nesta questão: a criação de salas e horários de leitura cantos de livros, capacitação dos docentes, a escolha e adoção de

livros, a sensibilização dos pais a importância do contato da criança com o livro de literatura.

E é dessa forma que a leitura e a Literatura (eixos deste trabalho) estarão presentes nas salas de aula. Na medida em que o desejo dos educadores for o de incluí-las em seus planos de ensino, elas poderão representar uma pequena trilha, um bom caminho ou uma larga estrada ... tudo dependerá do projeto de cada escola, de cada educador. O desenvolvimento da pessoa do aluno como sempre, será o verdadeiro estímulo de cada educador.

CONCLUSÃO

Diante do exposto neste trabalho podemos relatar que se resulta de uma importante pesquisa bibliográfica que enfatizou a Literatura infantil e as Contribuições de Monteiro Lobato para o mundo mágico do saber literário.

A literatura infantil começa a delinear-se no século XVIII na Europa quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto. A aproximação entre a escola e o gênero literário não é fortuita. Isto mostra que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores com marcante intuito educativo.

No Brasil a literatura infantil aparece no final do século XIX com as primeiras publicações infantis e estas limitavam-se apenas a edições portuguesas. Daí surge a preocupação com a nacionalização da literatura infantil em que se iniciam as primeiras publicações, ampliando o material já existente.

Mesmo assim, Monteiro Lobato, ainda acha que os aspectos da linguagem está distante do universo infantil e publica em 1920 *A Menina Narizinho Arrebitado*. Mas que uma simples preocupação a inadequação de tal linguagem foi um dos estímulos para a produção de Lobato.

De um modo geral os autores que fazem referência ao papel de Monteiro Lobato na formação da literatura infantil no Brasil são unânimes em reconhecer nele o grande pioneiro, e hoje um clássico do gênero em nível nacional.

Uma reflexão sobre a natureza da literatura infantil não pode vir separada de uma consideração sobre o estatuto de sua teoria. Embora o produtor do livro infantil seja o próprio adulto, o objeto produzido, é visto, analisado e classificado em analogia a seu consumidor, o leitor mirim.

A que constata é que se atribui uma tarefa educativa à literatura infantil, complementar à atividade pedagógica exercida no lar e/ou na escola, o que garante sua necessidade e importância no seio da vida social. Na acepção da literatura infantil, salienta-se uma contrapartida apesar de ter caráter provisório e ser um tipo de produção menor, espelhando a condição de seu leitor e beneficiário, o texto para criança pode atuar sobre ela, refletindo a perspectiva do adulto, mesmo quando este tem em mente o interesse do receptor.

O livro infantil desde seus primórdios tem procurado responder à questão, promovendo formas de diálogos, entre a imagem – a ilustração e o texto verbal.

É importante incentivar a criança a ler literatura infantil, pois os contos, as fábulas, fazem parte do imaginário da criança. Desta forma o seu uso despertará o gosto pela leitura tão útil na vida. Contudo queremos apostar nas mudanças que poderão ocorrer dentro da escola, com relação ao uso da literatura infantil.

Não pretendemos que este trabalho se encerre aqui, pois esperamos que outros também se apaixonem pela leitura infantil e dêem continuidade se aprofundando mais no assunto, pois, só assim teremos um desenvolvimento maior no espírito da pesquisa.

